



## **A Revolução Silenciosa dos Quintais Agroecológicos das Mulheres**

CARDOSO, Elisabeth<sup>1</sup>; JALIL, Laeticia<sup>2</sup>, MOREIRA, Sarah<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidad de Córdoba, beth@ctazm.org.br; <sup>2</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco, laeticiajalil@gmail.com, <sup>3</sup> Universidade de Brasília, sarahluiza1982@gmail.com

### **Eixo temático: Mulheres, feminismo e agroecologia**

**Resumo:** Este trabalho apresenta alguns resultados da Pesquisa Nacional sobre o Uso das Cadernetas Agroecológicas, realizada pelo GT de Mulheres da ANA em parceria com universidades, redes e movimento de mulheres. Ao longo dos anos de 2016 a 2018 foram aplicadas 299 cadernetas em todo Brasil. Os dados revelam a contribuição das mulheres para a soberania e segurança alimentar, a conservação da sociobiodiversidade, o cuidado, as relações de reciprocidade, bem como serviu para construção de uma nova narrativa contra-hegemônica das mulheres rurais que passam a ter seus trabalhos reconhecidos e valorizados, e elas a reconhecerem a importância de seus trabalhos não só para a economia capitalista, mas sobretudo, para a reprodução da vida.

**Palavras-chave:** Caderneta Agroecológica; Economia Feminista; Epistemologia Feminista;

**Keywords:** Agroecological Booklet; Feminist Economics; Feminist Epistemology

### **Introdução: Epistemologia Feminista para Desconstruir a Economia Patriarcal**

A partir da crítica feminista à economia clássica que exclui as mulheres, surge a necessidade de buscarmos elementos para o olhar feminista sobre a produção agroecológica das mulheres, tais como a contribuição delas para a geração de renda, para a garantia da Soberania e Segurança alimentar, para a conservação e reprodução da socioagrobiodiversidade e para a reafirmação de que existem outras práticas produtivas movidas por sentidos que vão além do acesso aos mercados.

Mesmo nos movimentos agroecológicos do Brasil e da América Latina, que questionam o modelo capitalista de agricultura, pouco se fala no trabalho invisibilizado das mulheres, à exceção das feministas e das organizações de mulheres.

Para um olhar feminista sobre a produção das mulheres é preciso se fundamentar na percepção da condição de desigualdade a que as mulheres estão submetidas e na valorização do trabalho das mulheres. Desta forma, abordamos neste artigo os elementos que possibilitaram o processo de pesquisa-ação desenvolvido pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia – GT Mulheres da ANA para sistematizar a produção agroecológica dos quintais das mulheres agricultoras, trazendo a reflexão da necessidade de uma epistemologia feminista para uma pesquisa que desconstrua a visão capitalista sobre a produção agroecológica e construa outra narrativa sobre os lugares e valores dos trabalhos e o questionamento a violência e a divisão sexual do trabalho.



## **Metodologia: A Construção Coletiva do Conhecimento das Mulheres**

A partir da compreensão de que o conhecimento é uma construção social e coletiva e que por isso deve ser produzido a partir dos olhares e sentidos de seus sujeitos, a pesquisa se fundamenta nas práticas do movimento agroecológico e das teorias feministas para a criação de novas formas de *saber-fazer* que integrem linguagens, narrativas e sentires de um universo de atoras diversas para a escrita de uma nova história de suas vidas (Jalil, 2017).

A pesquisa nacional da produção dos quintais agroecológicos das mulheres surgiu a partir do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia - PFFA voltado para mulheres agricultoras. Essa formação em módulos baseada nos princípios da educação popular foi uma ação em rede do GT Mulheres da ANA que teve como objetivo contribuir com a construção dos processos de formação e com o fortalecimento da auto-organização das mulheres para ampliar a sua capacidade de diálogo com os/as mediadores/as locais visando ampliar o seu acesso às políticas públicas que fortaleçam a organização produtiva das mulheres. Foi objetivo da formação também o reconhecimento do trabalho e a valorização das inovações nos sistemas de produção que as mulheres rurais têm realizado a partir das experiências agroecológicas e a reflexão crítica sobre suas experiências, contribuindo para a formulação de propostas visando o aprimoramento das suas experiências e das estratégias para ampliar o acesso às políticas públicas.

Um dos instrumentos usados na formação, a Caderneta Agroecológica, foi revelador sobre a produção das mulheres agricultoras. A sistematização das Cadernetas da Zona da Mata de Minas Gerais e do Sertão do Pajeú em Pernambuco revelou uma imensa produção das mulheres para o auto-consumo que nunca havia sido contabilizada nestes grupos. A apresentação dos dados desta sistematização gerou uma demanda da extinta Diretoria de Políticas para as Mulheres do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA para uma sistematização nacional da produção dos quintais das mulheres para subsidiar uma política pública de fomento aos quintais. O financiamento do MDA foi que tornou possível essa pesquisa.

## **A Caderneta Agroecológica e a Pesquisa-ação em Rede**

A Caderneta Agroecológica é um instrumento político-pedagógico criado pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) com participação das agricultoras da Zona da Mata, para mensurar e dar visibilidade ao trabalho das agricultoras agroecológicas<sup>1</sup>, ao mesmo tempo que contribui para a promoção da

<sup>1</sup> Compreendemos como “agricultoras agroecológicas” as mulheres que desenvolvem atividades agrícolas e não agrícolas voltadas para a reprodução de seus grupos familiares e de proximidade, a partir de práticas sustentáveis (sociais, ambientais, culturais, econômicas e ecológicas) em seus agroecossistemas. Adicionalmente, são aquelas que desenvolvem relações sociopolíticas e econômicas com diferentes atores fundamentais para os processos de transição agroecológica e para a reprodução da vida, estando envolvidas em redes sociotécnicas, em movimentos sociais mistos ou feministas ou outros espaços de organização social/política. Elas são portadoras de conhecimentos



sua autonomia das mulheres. É um instrumento de formação para empoderar as mulheres, a partir da visibilidade revelada do trabalho delas e da sua contribuição na economia familiar. Apresentada em um formato simples, a caderneta possui quatro colunas para organizar as informações sobre a produção das mulheres. Ou seja, nela são registrados o que foi vendido, o que foi doado, o que foi trocado e o que foi consumido de tudo o que é cultivado nos espaços de domínio das mulheres nas unidades produtivas da agricultura familiar e camponesa ou o que foi produzido por elas, como o artesanato e o beneficiamento, por exemplo.



Mas, assim que apareceram os primeiros retornos das anotações, os resultados parciais foram surpreendentes para as mulheres e equipe do projeto, sendo que a Caderneta Agroecológica se revela um eficiente instrumento de monitoramento da produção, valorando-a e visibilizando-a. A partir da interação com o GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia, a Caderneta foi levada para outras regiões do Brasil, em parceria com a Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia, Rede de Mulheres Produtoras do Nordeste e Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, GT Gênero e Agroecologia da Região Sudeste e Movimento de Mulheres Camponesas da Região Sul do Brasil. Entre 2016 e 2018 foi realizada uma grande pesquisa nacional com base na utilização das Cadernetas Agroecológicas numa parceria entre a Universidade Federal de Viçosa, a Universidade Federal Rural de Pernambuco, o Instituto Federal de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas.

Os seminários regionais, nacionais e as diversas oficinas realizadas junto às agricultoras para capacitação sobre o uso das cadernetas e para coleta de resultados foram aproveitados como trabalho educativo/formativo/comunicativo em que puderam ser realizadas práticas, vivências, intercâmbios e reflexões sobre a economia feminista e solidária, divisão sexual do trabalho, agroecologia, segurança e soberania alimentar, violência sexista, mercados, autonomia, trabalho doméstico e de cuidados, políticas públicas, etc.

---

ancestrais, que ressignificam e transformam suas práticas a partir das necessidades e mudanças ambientais e culturais, desenvolvendo atividades fundamentais para a garantia da segurança e soberania alimentar, para o fortalecimento das relações sociais nos territórios e para a conservação e reprodução da sociobiodiversidade.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

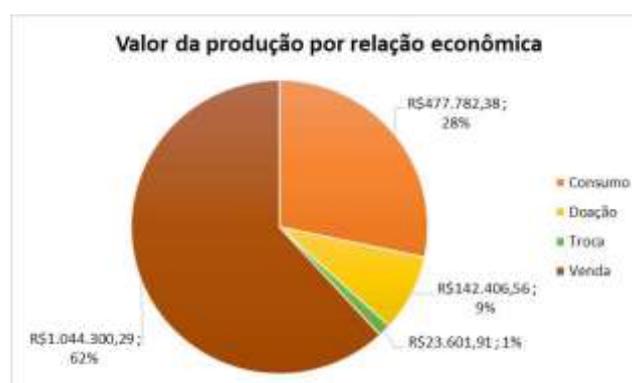


Propusemos às agricultoras que fossem anotadas nas Cadernetas Agroecológicas a produção oriunda das atividades protagonizadas por elas e que tenham relação com os agroecossistemas<sup>2</sup>, prioritariamente dos quintais. Assim, também buscamos reconhecer os lugares de produção das mulheres (a exemplo dos quintais, terreiros, pátios, ao redor de casa etc.), cuja contribuição econômica foi historicamente invisibilizada. A pesquisa sistematizou 299 cadernetas em 16 estados e 04 regiões. E contou com o apoio de muitas organizações do campo agroecológico e instituições parceiras que têm atuado com a agroecologia e o feminismo.

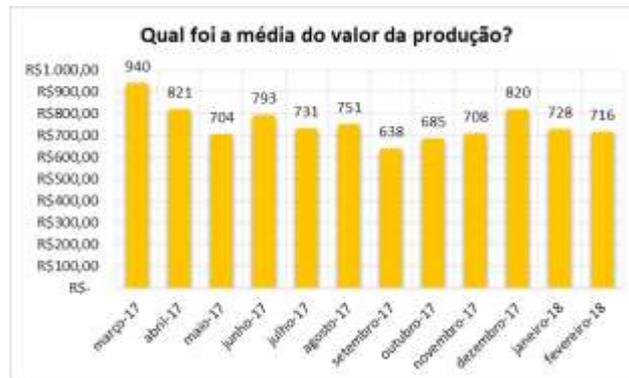
## Os Resultados para as Agricultoras

A partir deste processo de pesquisa-ação coletamos resultados relacionados à produção e à contribuição econômica, ambiental e política das mulheres, como também do auto reconhecimento das mulheres em relação ao valor da sua produção.

Os dados nacionais revelam a importante produção das mulheres para venda e para o auto-consumo, bem como a produção trocada com a vizinhança, as doações para escolas, festas comunitárias, para filhos/as que vivem na cidade, entre outros. Esta prática é essencial para o fortalecimento do tecido social dos territórios, e como pontua Cristina Carrasco (2013), um deslocamento do eixo e do objetivo social e econômico que provoque uma mudança de paradigmas, e conseqüentemente, uma nova lógica econômica em desafio à economia capitalista que, agora mais do que nunca, precisa compreender que ela é que emerge das formas de relações que construímos, e não o contrário, como tenta se fazer crer o capital financeiro, que a tudo apropria.



<sup>2</sup>Para Siliprandi (2009) o agroecossistema é definido como um tipo específico de ecossistema modificado pela ação humana por meio das atividades agrícolas. É a unidade geográfica delimitada (ainda que variável quanto a sua extensão) onde se dão complexas relações entre práticas agrícolas e o ecossistema original. Para se entender essas relações é necessário analisar não apenas os fenômenos ecológicos que ali ocorrem (como os bioquímicos e agrônômicos), mas também as interações entre os seres humanos.



A média do valor de produção mensal das agricultoras girou em torno de R\$ 940 a R\$ 820 reais, se equiparando com o valor do salário mínimo nacional, dando visibilidade ao trabalho das mulheres e à importante contribuição delas para a economia familiar.

Mesmo com algumas limitações e dificuldades de manter a anotação das cadernetas, as mulheres se mostraram impressionadas e motivadas com o exercício da anotação, a partir de uma nova visão adquirida sobre a sua produção, como avaliaram algumas agricultoras nos seminários finais:

*“eu nunca imaginei a economia que se faz quando a gente tira do quintal pro gasto”; “só de comida para as criações eu economizei muito”; “eu percebi o que eu e minha família está comendo”; “tem muita coisa no meu quintal, uma diversidade que nem eu imaginava”.*

## Conclusões

À pesquisa se iniciou a partir de um questionamento das bases da economia hegemônica, que apenas considera como parte da economia aquelas atividades que geram recursos monetários, ou seja, apenas as que têm relação com o mercado. Dessa forma, boa parte das atividades que ficam sob responsabilidade das mulheres são invisibilizadas ou desconsideradas por essa perspectiva da economia, centrada na lógica mercantil. Para um olhar contra-hegemônico sobre a economia, que permita dar visibilidade ao conjunto de atividades protagonizadas pelas mulheres na sociedade, nos apropriamos das reflexões propostas pelas economistas feministas. Estas afirmam que a noção de economia deve incorporar todas as atividades necessárias para a sustentabilidade da vida humana.

Para afirmar que aquelas atividades realizadas para o autoconsumo, bem como o conjunto de atividades realizadas para a reprodução da vida, como o trabalho doméstico e de cuidados, também devem ser consideradas como parte da economia, concluímos que as Cadernetas Agroecológicas lançam luz sobre as atividades não monetárias realizadas pelas mulheres (como o consumo, a doação e



a troca), considerando-as nas análises econômicas, ao mesmo tempo que traz a reflexão para as mulheres agricultoras sobre a sua produção e sobre o valor e a importância dela, permitindo mudanças no planejamento na produção e trazendo visibilidade, empoderamento e autonomia para as mulheres que usaram o instrumento.

### Referências bibliográficas

CARRASCO, Cristina. **El cuidado como eje vertebrador de una nueva economía.** Cuadernos de Relaciones Laborales: Los cuidados entre el trabajo y la vida. v. 31, n. 1. Madrid, Espanha, 2013. p. 39-56.

JALIL, Laetícia (org.) **Rede feminismo e agroecologia do Nordeste** Laetícia Medeiros Jalil, Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Maria do Socorro de Lima Oliveira. – 1. ed. Recife: Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, 2017. 198 p.:il.

SILIPRANDI, Emma C. 2009. **Mulheres e Agroecologia:** a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. Brasília: Universidade de Brasília.